



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO RURAL NO MUNICÍPIO DE ORIZONA/GO

Juliana Dias Moreira Furtado

julianadmfurtado@gmail.com

Universidade Federal de Goiás

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

No meio rural as mulheres rurais brasileiras vêm enfrentando uma série de obstáculos para que tenham acesso aos seus direitos básicos. O Estado brasileiro, por meio de suas políticas de desenvolvimento rural, caracterizava o trabalho das mulheres apenas como uma ajuda aos homens e não como uma atividade autônoma, capaz de gerar seus próprios recursos. A divisão sexual do trabalho no campo sempre esteve muito definida, o trabalho dos homens geralmente está ligado a atividades econômicas que geram emprego e renda e o trabalho das mulheres é associado a atividades vinculadas ao autoconsumo familiar, com baixo grau de obtenção de renda. Nesse sentido, este trabalho busca analisar os impactos da pluriatividade nas relações de trabalho, doméstica e de gênero em unidades familiares de produção, no município de Orizona, localizado no estado de Goiás, Brasil. O propósito desta pesquisa é buscar responder as seguintes questões: há uma diversificação dos meios de manutenção das unidades familiares de produção no município de Orizona? A possível prática da pluriatividade sobre as famílias rurais pode contribuir para modificações nas relações de trabalho e gênero dessas unidades familiares? A hipótese formulada a partir das referências apresentadas, que direcionará a pesquisa, baseia-se na ideia de que a inserção das mulheres na prática da pluriatividade em Orizona, colabora para que haja mudanças nas relações de gênero no que diz respeito a distribuição de papéis na unidade familiar, favorecendo a permanência da mulher no espaço rural.

ABSTRACT

In rural areas, Brazilian rural women face a series of obstacles to having access to their basic rights. The Brazilian State, through its rural development policies, characterized the work of women only as an aid to men and not as an autonomous activity, capable of generating its own resources. The sexual division of labor in the countryside has always been very defined, men's work is usually linked to economic activities that generate employment and income, and women's work is associated with activities linked to family self-consumption, with a low income level. In this sense,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

this research seeks to analyze the impacts of pluriactivity in labor, domestic and gender relations in family production units, in the municipality of Orizona, located in the state of Goiás, Brazil. The purpose of this research is to answer the following questions: Is there a diversification of the means of maintenance of family production units in the municipality of Orizona? Can the practice of pluriactivity on rural families contribute to changes in the labor and gender relations of these households? The hypothesis formulated from the references presented, which will guide the research, is based on the idea that the insertion of women into the practice of pluriactivity in Orizona contributes to changes in gender relations in the distribution of roles in the family unit, favoring the permanence of women in rural areas.

Palabras clave

agricultura familiar – divisão sexual do trabalho - pluriatividade

Keywords

family farming - sexual division of labor - pluriactivity



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

Pensar o trabalho é pensar a complexidade de relações que estão estabelecidas a partir dessa atividade. A sociologia do trabalho tem se preocupado em investigar a natureza dessas relações e seu caráter conflituoso. No caso desta pesquisa, ainda em andamento, tem-se como foco as relações de trabalho e de gênero no meio rural.

Diante da relevância da agricultura familiar no país, o município de Orizona, no estado de Goiás, foi escolhido como referência empírica justamente por possuir um número significativo de unidades familiares de produção em comparação aos municípios da microrregião de Pires do Rio. Pode ser observado nos dados acessados no Sistema Nacional de Cadastro Rural/INCRA (2011), se considerarmos a média de minifúndios de nove municípios da microrregião, ela representaria 396 propriedades por município, como Orizona detém de 1.498 minifúndios, isso significa que o município possui quase 4 vezes mais o número deste tipo de propriedade rural.

Sendo assim, o propósito desta pesquisa é buscar responder as seguintes questões: há uma diversificação dos meios de manutenção das unidades familiares de produção no município de Orizona? A possível prática da pluriatividade sobre as famílias rurais pode contribuir para modificações nas relações de gênero dessas unidades familiares?

A hipótese formulada a partir das referências apresentadas, que direcionará a pesquisa, baseia-se na ideia de que a inserção das mulheres na prática da pluriatividade em Orizona – Goiás, colabora para que haja mudanças nas relações de gênero no que concerne à distribuição de papéis na unidade familiar.

Os objetivos específicos que auxiliam a ascender ao objetivo geral desta pesquisa são: investigar as características da divisão sexual do trabalho nas unidades familiares de produção, tanto no âmbito reprodutivo quanto no âmbito produtivo; analisar as formas de inserção das mulheres no mercado de trabalho em atividades não-agrícolas e se há efeitos sobre o grupo doméstico e a



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

unidade produtiva; pesquisar o perfil das mulheres no mercado de trabalho em atividades não-agrícolas; investigar se há mudanças nas relações de trabalho e de produção, identificando se essas prováveis mudanças alteram a sociabilidade e a organização social das famílias em pequenas propriedades rurais.

II. Marco teórico/marco conceptual

A pesquisa assume como foco as relações de trabalho e gênero no meio rural e como a pluriatividade pode interferir na organização das unidades familiares de produção. Neste sentido, vale trazer o debate sobre a divisão sexual do trabalho.

Entende-se divisão sexual do trabalho como uma forma de divisão do trabalho social, articulada histórica e socialmente, a partir das relações sociais entre os sexos, sendo o trabalho produtivo atribuído prioritariamente aos homens e o trabalho reprodutivo às mulheres (HIRATA; KERGOAT, 2007). Kergoat (2010) define relação social como uma relação antagônica entre dois grupos sociais, onde há uma disputa instaurada entre eles. Havendo uma disputa como base dessa relação, compreende-se que uma relação social é uma relação conflituosa e no caso da relação social de sexo, a disputa está estabelecida entre homens e mulheres. A autora entende que nas relações sociais de sexo, no contexto do trabalho, existe um paradoxo, pois atualmente mesmo com uma melhora da conjuntura da mulher no mercado de trabalho, por exemplo, há uma permanência e até mesmo uma intensificação da divisão sexual do trabalho.

A maneira como se estabelece a divisão sexual do trabalho recai com um peso desproporcional sobre as mulheres. Se antes o trabalho feminino estava restrito ao âmbito privado, voltado majoritariamente para reprodução, após a revolução industrial as mulheres pobres se veem forçadas a buscar um trabalho no âmbito público, se integrando ao trabalho classificado como produtivo e se deparam com uma jornada de trabalho exaustiva, desdobrando-se em todos os espaços em que circula. Após horas de trabalho na fábrica, por exemplo, as mulheres operárias voltam para suas casas e se encontram no compromisso de realizar as atividades domésticas, limpar a casa, lavar roupa e vasilhas, cuidar dos filhos e ainda cumprir com sua função de esposa. O trabalho reprodutivo, diferente do trabalho na fábrica, não tem hora exata para começar e muito menos para terminar, são atividades que estão ali para serem realizadas, devendo ser executadas por



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

mulheres, porque assim a construção dos papéis sociais no decorrer da história tem sido determinada.

No aspecto do trabalho as raízes da diferenciação entre masculino e feminino, assim como a hierarquização gerada a partir da relação de poder entre os sexos, devem ser procuradas na família e na sociedade (SOUZA-LOBO, 2011).

A vida das famílias, no contexto das sociedades pré-industriais na Europa ocidental, era caracterizada pela integração entre o trabalho produtivo e as atividades domésticas, exercidos no mesmo meio, onde mulheres e homens executavam atividades distribuídas de acordo com o sexo, seja nos serviços domésticos, seja nos serviços considerados produtivos. Com o surgimento das indústrias domésticas, as unidades familiares de produção, que em sua maioria estavam localizadas no meio rural, passam a sofrer transformações, pois o trabalho feminino e o trabalho masculino começam a sofrer diferenças. Em comunidades rurais, por exemplo, as mulheres que antes realizavam trabalhos limitados a reprodução, passam a ficar horas sentadas produzindo rendas para o mercado e os homens voltavam-se para os trabalhos de plantio e cuidado do rebanho nas pequenas propriedades. Por mais que mudanças nessas relações de trabalho aconteceram, observa-se que o trabalho feminino continua limitado ao âmbito privado, e com o desenvolvimento da indústria, o trabalho realizado no domicílio se descaracteriza como empreendimento familiar, se tornando um trabalho desvalorizado, mal pago, explorando e marginalizando o trabalho feminino (ALVES, 2013).

Sullerot (1970) desenvolve críticas pertinentes à desvalorização do trabalho feminino e inclusive a falta de reconhecimento deste trabalho por historiadores, pois, só a partir do século XIX que ele começou a ser considerado, havendo pouquíssimos registros de atividades femininas antes deste período. Para Sullerot, o trabalho das mulheres só é considerado trabalho de fato, para a opinião pública, quando este assume formas e condições que aproximem de trabalhos realizados por homens. O conceito de trabalho, atribuído, sobretudo, ao trabalho manual, é de transformação de determinada coisa por meio da ação humana visando determinado uso, sendo o resultado do trabalho a coisa trabalhada e não o estado do trabalhador. A partir dessa concepção, entende-se que



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

independente de quem execute o trabalho, seja mulher seja homem, o que define trabalho é a ação sobre a coisa trabalhada, mesmo se essa atividade seja produtiva e gere valor, pois inclusive o valor nem sempre foi vinculado ao trabalho (SULLEROT, 1970).

De acordo com Sullerot, “nunca as mulheres escaparam ao trabalho, e jamais dele poderão escapar” (p. 16, 1970), por isso é importante conhecer o que é o trabalho das mulheres. A autora critica a desvalorização e não reconhecimento do trabalho feminino, afirmando que no decorrer da história o homem era considerado trabalhador quando os produtos oriundos de sua atividade eram ofertados a outras pessoas, tirando assim o seu sustento a partir da troca de seus produtos, assim como a remuneração da atividade realizada. Ora, as mulheres por milênios também vêm desenvolvendo atividades que são voltadas para outras pessoas, cozinhando para si e para os outros, cuidando de animais e cultivando a terra, mas devido a uma questão ético-social, o trabalho delas era tratado como se não existisse. Considera-se trabalho no momento em que há troca de serviços e remuneração, porém, aquele camponês que trabalhava para si próprio, no âmbito familiar, nunca foi considerado não-trabalhador, por realizar esse tipo de atividade. Este camponês que trabalhava em família desfrutava do fruto de seu trabalho, o objetivo de seu trabalho era usufruir de seus resultados, “o autor do serviço, era, também, o beneficiário” (SULLEROT, p.20, 1970). No caso da mulher, Sullerot (1970) aponta que, ela permaneceu muito mais tempo nesse esquema de atividade de subsistência e de troca de serviços que o homem, só que na maioria das vezes estava sujeita à autoridade masculina - seja do companheiro ou do patrão –, sendo além dela beneficiária de sua própria atividade, uma pequena sociedade a qual ela fazia parte, porém ela não usufruía de liberdade de ação e de autonomia.

Ainda hoje, no que diz respeito ao acesso das mulheres ao trabalho e à renda, é possível observar que elas esbarram na ideia construída de que seu trabalho é considerado como “ajuda” em relação ao trabalho de seus companheiros ou homens, que assumem a liderança no trabalho produtivo da unidade familiar de produção (ABRAMO, 2010). No meio rural, essa concepção contribui para que as mulheres trabalhadoras rurais tenham seu acesso ao dinheiro e a outros tipos



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de recursos de forma limitada, devido à invisibilidade da sua contribuição na produção da unidade familiar.

A visão do trabalho da mulher como apenas uma ajuda ao trabalho de seu companheiro ou de outros homens na família (irmãos e pais), precisa ser superada, essa diversidade de atividades domésticas, que vai além do trabalho reprodutivo (cuidado com filhas/os, limpeza e alimentação), não era atribuída mesmo pelos censos enquanto trabalho produtivo, fazendo com que não houvesse um reconhecimento dessas atividades realizadas pelas mulheres trabalhadoras rurais (CINTRÃO; SILIPRANDI, 2011). Somente a partir da redemocratização que o Estado brasileiro passou a admitir o trabalho reprodutivo por meio da abordagem de questões no Censo, na busca de reconhecer a realidade e o impacto desse tipo de trabalho na vida das brasileiras e dos brasileiros, mas ainda há vários desafios. O debate sobre a desigualdade nas relações de trabalho entre mulheres e homens assume extrema importância, é preciso que o trabalho de cada pessoa, seja reconhecido e valorizado, independente do sexo, da cor/raça, classe social ou espaço de moradia (urbano ou rural).

No contexto do meio rural, Castilho e Silva (2009) traz a reflexão do papel da pluriatividade na questão da conquista da autonomia da mulher. A pluriatividade tem assumido um papel importante no meio rural, pois com a diversificação das atividades, a renda da família é incrementada, sendo utilizada tanto para sustento, quanto para investimentos na propriedade rural. O interessante do rendimento advindo de atividades não agrícolas é que ele é individual. Por mais que tal rendimento seja aplicado no conjunto familiar e da propriedade rural, ele representa uma autonomia à jovens e mulheres (mesmo em vários casos se restringindo apenas ao âmbito econômico), que são grupos que possuem trabalhos desvalorizados e mal remunerados. Schneider e Castilho e Silva apontam que:

Muitas mudanças relacionadas com o papel feminino na sociedade estão ligadas à inserção da mulher no mercado e à valorização das atividades domésticas enquanto trabalho. Nesse sentido, a pluriatividade ganha importância no meio rural ao possibilitar uma alternativa à atividade agrícola (especialmente para jovens e mulheres) que proporciona maior valorização do trabalho realizado, maior autonomia e maior socialização quando exercida fora da propriedade (2010, p.4).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Schneider (2003) caracteriza famílias pluriativas como aquelas que combinam atividades agrícolas e não-agrícolas como estratégia de reprodução social. O autor destaca que pelo menos um membro da família pode ocupar o trabalho na agricultura com outra ocupação não-agrícola, para assim caracterizar uma família ou unidade familiar pluriativa.

Castilho e Silva (2009) preocupa-se em compreender o papel da pluriatividade como alternativa a essas mulheres em situação de desvalorização social. Segundo a autora, a prática de várias atividades sempre existiu nas famílias rurais e no contexto atual a pluriatividade contrai novas formas, como por exemplo, a agroindústria familiar, assim como a inserção de seus membros em outros setores da economia. A nova roupagem da pluriatividade despertou interesse por novas pesquisas, pois essas novas possibilidades de inserção no mercado de trabalho contribuem de maneira significativa para a diminuição das diferenças entre o universo rural e urbano, “dinamizando as economias locais e os rendimentos das famílias que ali residem” (p. 19, 2009).

De acordo com o Censo Agropecuário de 2006, a agricultura familiar no Brasil é responsável por absorver 12,3 milhões de trabalhadores rurais, representando 74,4% da quantidade total de trabalhadores no campo. O mesmo censo traça o perfil das pequenas propriedades rurais e do pequeno produtor rural no início do século XXI. Dos 5,2 milhões de propriedades rurais, são estabelecimentos enquadrados na categoria “agricultura familiar” 4.366.267 (84,4%) e 809.369 (15,6%) são considerados estabelecimentos de agricultura não familiar. As propriedades que possuem menos que 100 hectares representam 90% do total de propriedades e por mais que a agricultura familiar represente 84,4% dos estabelecimentos agropecuários, ela ocupa apenas 24,3% da área total. Mesmo ocupando um território muito limitado, a agricultura familiar é capaz de produzir 54 bilhões de reais por ano, representando 38% do Valor Bruto de Produção.

A partir do estudo de Tavares (2008), acerca da história da formação agrária no estado de Goiás, especificamente, sobre a formação fundiária da região sudeste do estado, vieram à luz alguns questionamentos em relação às características das propriedades rurais da região e das relações sociais de seus detentores assumidas na atualidade.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Em um mundo cada vez mais urbanizado, onde 85% da população brasileira se encontra em zonas urbanas e os outros 15% da população na zona rural (IBGE, 2010), o município de Orizona/GO chama atenção por apresentar uma característica contracorrente em relação à ocupação geográfica de sua população. No censo de 2010, foi levantado que há 14.300 pessoas residentes no município, sendo que 44,2% delas estão distribuídas na zona rural e 55,8% na zona urbana. Outro dado que aponta uma característica específica da região é o alto número de minifúndios e pequenas propriedades¹. Dados acessados no Sistema Nacional de Cadastro Rural/INCRA (2011) apontam que há 1.133 pequenos proprietários e 1.498 detentores de minifúndios no município de Orizona, sendo a área de minifúndios representada por 25.586,7999 hectares de terra. No entanto, um número superior a essa área, 28.438,7504 hectares, são propriedades de apenas 34 detentores, ou seja, apesar de existir um grande número de minifúndios, os números indicam que ainda há uma significativa concentração de terra na região.

Pensar tais unidades familiares é pensar a complexidade de relações que há neste meio. No caso de nosso recorte, as relações de trabalho e relações de gênero. Vários estudos comprovam que há uma divisão clara das atividades da mulher e do homem no grupo familiar. As mulheres no meio rural assumem o trabalho reprodutivo, cuidando da casa, dos filhos, das pequenas criações e da horta perto de casa, já os homens tendem a cuidar das atividades produtivas, ou seja, o trabalho voltado para o mercado (DESER-CEMTR/PR *apud* SILVA; SCHNEIDER, 2010). Grande parte dos estudos estão focados nas relações de trabalho e de gênero a partir da unidade familiar, porém há poucos estudos que focam tais relações sociais fora desse âmbito.

Considerando que os estudos no estado de Goiás sobre as relações de gênero no meio rural são escassos, mais raras ainda são as pesquisas sobre as mudanças nas relações de poder e divisão do trabalho que afetam os grupos familiares no campo. Esta pesquisa propõe atentar-se de forma

1 - Conforme o INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária) a estrutura agrária dos municípios brasileiros se divide em 4 categorias de detentores: minifúndios, pequenos, médios e grandes. O que determina o tamanho de cada categoria é a quantidade de módulos fiscais que possuem. Um módulo fiscal pode variar de 5 a 110 hectares dependendo, em cada município, de vários fatores: tipo de solo, clima, relevo, cultura temporária e permanente, desenvolvimento urbano, entre outros. Em Goiás temos, no norte do Estado, o maior módulo fiscal que é de 50 hectares e o menor em Goiânia que é de 7 hectares. Na Microrregião de Pires do Rio, que possui 10 municípios entre eles o de Orizona, o módulo fiscal varia de 30 a 40 hectares.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

especial à pluriatividade, nas possíveis mudanças que ela pode gerar nas organizações familiares em pequenas propriedades rurais, indo ao encontro do papel fundamental das ciências sociais, que é compreender e explicar a realidade social, contribuindo para a construção de conhecimento e oferecendo fundamentos para o desenvolvimento de políticas que beneficiem a população rural estudada.

III. Metodología

No intuito de buscar uma aproximação da realidade observada, a metodologia utilizada na pesquisa assumirá um cunho qualitativo. A pesquisa qualitativa abarca os objetivos da pesquisa, no sentido de lidar com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões dos sujeitos (MINAYO & SANCHES, 1993). Deslandes afirma que:

O método científico permite que a realidade social seja reconstruída enquanto um objeto do conhecimento, através de um processo de categorização (possuidor de características específicas) que une dialeticamente o teórico e o empírico (2003, p.56).

A estratégia escolhida foi trabalhar com pesquisa bibliográfica e análise crítica dos textos, além de análise documental para refletir sobre as principais conclusões a respeito da questão agrária e relações de gênero no Brasil. Tendo em mãos as análises das inúmeras pesquisas e textos publicados sobre o tema, além de dados, procura-se realizar um estudo empírico para testar as principais teses levantadas pelas/os autoras/es discutidas/os.

No caso deste trabalho, recorreremos a entrevistas semiestruturadas com mulheres e homens que compõem as unidades familiares de produção na zona rural em Orizona, buscando acessar as vivências cotidianas das famílias e suas formas de organização, no que diz respeito às atividades realizadas pelos membros da família no decorrer de todo o dia e o tempo despendido na realização de cada uma delas. A amostragem será de cunho não probabilístico, chamada de amostragem em bola de neve. Esse tipo de amostragem costuma ser utilizado em estudos quando há difícil acesso aos grupos de interesse da pesquisa. No primeiro momento da aplicação da amostragem em bola de neve, utiliza-se de informantes-chaves e/ou documentos, com o objetivo de identificar pessoas que tenham o perfil esperado para a pesquisa. Esses informantes-chaves e/ou documentos, são chamados de *sementes*, pois são essenciais para auxiliar a pesquisadora a obter seus primeiros contatos, assim como para conhecer, a princípio, o grupo que será pesquisado, já que é praticamente impossível haver uma amostra probabilística inicial nesse contexto. Após o primeiro contato, é solicitado às *sementes* que indiquem outros contatos com as características esperadas, no caso desta



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

pesquisa, mulheres e homens que vivem em unidades familiares de produção em que as mulheres executem algum tipo de trabalho não-agrícola fora de sua propriedade rural. Espera-se que as *sementes* indiquem pessoas de sua própria rede pessoal, e na medida que os novos contatos são realizados, o quadro de amostragem da pesquisadora irá aumentar em cada entrevista, caso ela solicite mais indicações. A pesquisadora irá parar de ampliar seu quadro de amostragem quando houver uma saturação deste, isto é, quando novas pessoas não sejam encontradas ou quando novas informações deixam de ser trazidas para o quadro de análise (VINUTO, 2014).

IV. Análisis y discusión de datos

O município de Orizona, como já apresentado, foi escolhido como campo de pesquisa por apresentar um elevado número de pequenas propriedades rurais em relação aos municípios da microrregião de Pires do Rio. Orizona ainda representa uma importante relevância para a economia do estado de Goiás, no que diz respeito a cadeia produtiva do leite (CASTRO, 2014). Neste tópico, será apresentado um breve resumo do trabalho de campo, visto que os dados do campo ainda estão sendo analisados.

Os dados foram levantados por meio de entrevistas semiestruturadas, efetuadas com 10 mulheres e 7 homens agricultoras/es familiares. Todas as mulheres e quatro homens estão enquadradas/os em atividades consideradas pluriativas, cumprindo com a proposta da pesquisa em investigar a inserção de mulheres no mercado de trabalho em atividades agrícolas e não-agrícolas, deste modo interferindo na dinâmica das relações sociais as quais fazem parte.

O fato do campo de pesquisa se realizar com mulheres e homens que vivem na zona rural. Foram realizadas 8 entrevistas nas unidades familiares de produção, 7 entrevistas na feira da agricultura familiar de Orizona, 1 entrevista no local de trabalho da entrevistada e 1 entrevista na Associação dos Artesãos de Orizona.

A amostragem assume o cunho não probabilístico, sendo utilizada a abordagem da amostragem em bola de neve. O contato da pesquisadora se iniciou a partir de ex-colegas e ex-alunas/os do IFGoiano, Campus Urutaí, que realizam trabalhos diretamente com agricultoras/es familiares ou são até mesmo filhas/os destas/es. A partir de suas indicações foram efetuadas ligações para as famílias indicadas e marcadas entrevistas. Além dos contatos realizados por meio de telefonema, foi realizada visitas na feira da agricultura familiar de Orizona e na reunião mensal da Associação de Artesãos de Orizona, onde foi possível abordar pessoas que assumem o perfil de interesse pesquisa.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O perfil das/os entrevistadas/os é de trabalhadoras/es que nasceram e foram criadas/os no meio rural. Suas mães e seus pais também eram produtoras/es rurais, com baixa escolaridade, no máximo ensino fundamental. Nenhuma pessoa entrevistada afirmou ter chegado a estudar no ensino superior, porém no caso de um casal a filha e o filho estão cursando os estudos a nível de mestrado, e outros 7 entrevistados afirmaram ter filhas/os graduadas/os ou graduandas/os, o que demonstra que a realidade no que diz respeito a escolaridade vem sofrendo substanciais mudanças sobre as gerações mais novas.

Todas/os entrevistadas/os afirmaram que começaram a trabalhar muito cedo, antes mesmo dos 10 anos de idade realizavam atividades domésticas e em alguns casos já realizavam atividades que geravam renda para família. A fala de uma das entrevistadas chama atenção, por considerar que começou a trabalhar assim que aprendeu a andar, ilustrando como a participação de todos os membros da família é essencial para a produção e reprodução da vida no campo, no contexto da agricultura familiar. A trajetória de vida de todas/os está fortemente ligada a vida no campo, com relatos de algumas pessoas com curto período de tempo vivido na cidade.

A ocupação principal dos homens entrevistados varia desde a produção de leite, hortalças e gado de corte, até atividades como tratoristas e eletricitas. A ocupação das mulheres apresenta-se mais diversa, além da atividade doméstica que todas declaram realizar (o que não acontece com boa parte dos homens), uma delas realiza trabalho como costureira por encomenda, uma é lojista em tempo integral na cidade, uma é merendeira em tempo parcial, uma é instrutora do SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) e artesã, outras duas são artesãs, quatro das entrevistadas são feirantes, realizando ainda outras atividades, uma delas presta serviço de limpeza de calçadas e muro, outra é cabeleireira, além de produzir quitandas para vender. Todas essas mulheres, umas com maior frequência outras com menos, realizam atividades agrícolas, principalmente em hortas próximas a suas casas, no caso de duas feirantes o cuidado com as hortalças são suas principais atividades. É importante destacar que das/os 17 entrevistadas/os, 12 fazem parte de alguma associação ou sindicato.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A impressão da pesquisadora em relação ao uso do tempo em atividades domésticas, por meio das entrevistas, foi que os homens realizam atividades doméstica quando há ausência das mulheres em casa, quando elas estão doentes e em vários casos quando a atividade é considerada prazerosa por parte deles, três dos entrevistados demonstraram interesse em cozinhar por gostar de realizar essa atividade. Agora, aqueles que declararam realizar diversas atividades domésticas como limpeza da casa, lavagem de vasilhas e roupas, afirmaram “não gostar de passar roupa”, por isso não as realizam. Já a impressão em relação a perspectiva das mulheres, sobre os trabalhos domésticos, é que realizam porque consideram não haver maneira de fugir dessa atividade, apenas uma das entrevistadas se dedica totalmente a atividade doméstica e se demonstra realizada com a atividade. Sobre o uso do tempo, todas as mulheres declararam se dedicar no mínimo 3 horas diárias às atividades domésticas, no caso dos homens, houveram alguns que chegaram a declarar que não realizam atividades domésticas de tipo algum.

Devido a diversidade de atividades produtivas realizadas pelas/os entrevistadas/os, ainda não é possível mensurar a média de dedicação do uso do tempo nessas atividades, mas é pertinente apontar que tanto mulheres quanto homens se sentem realizados com suas atividades e não tem intenção de mudar de atividade. Algumas pessoas que se encontram em idade mais avançada, apresentam intenção de se aposentar para ter descanso, informando que trabalham desde muito cedo e o corpo já sente o peso da idade.

É relevante abordar a questão do uso do tempo para descanso. Houve uma grande variação do tempo de descanso para as pessoas entrevistadas, desde de descanso diário de 5 horas, sem contar com o tempo de sono, até nenhum período de descanso. Um casal, entrevistados separadamente, afirmaram não descansar nem após o horário de almoço nem após o término das atividades ao final do dia, afirmando que paravam apenas para comer e voltavam diretamente para as atividades, e com a finalização do trabalho do dia, apenas jantavam, não assistiam ao menos televisão, indo direto dormir. Sobre o tempo de sono, apenas uma entrevistada afirmou ir dormir em algumas ocasiões após à meia-noite, as/os entrevistadas/os que afirmaram ir dormir mais cedo foram no horário entre 19:30 e 20:00 horas. As pessoas que acordam mais cedo, são aquelas que



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

realizam atividades na feira, uma vez por semana, algumas acordam 2:00 horas da manhã e outras no máximo 5:00 horas da manhã.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusiones

A pluriatividade caracteriza-se como uma forma de organização do trabalho familiar, em que indivíduos que fazem parte de uma família que vive em domicílio rural se empenham na variedade de atividades econômicas e produtivas, podendo ser atividades vinculadas à agricultura ou não, executada com menos frequência dentro da unidade familiar de produção (SCHNEIDER, 2003). A pluriatividade pode ser considerada como um recurso de complementação de renda da família ou uma estratégia de ocupação em períodos de ociosidade de tempo de determinados membros da família, quem não preenchem todo seu tempo em atividades agrícolas ou pelo simples fato de não se identificarem com as atividades realizadas dentro da própria unidade familiar de produção. No caso das pessoas entrevistadas nesta pesquisa, a pluriatividade apresenta-se como um recurso de complementação de renda, pois a produção agrícola muitas vezes não é suficiente para todos os gastos e demandas da família, em especial aquelas famílias que possuem filhas/os dependentes e em idade escolar.

As pessoas entrevistadas, quando questionadas sobre o uso de seu tempo em atividades produtivas e reprodutivas, reconheceram nunca ter parado para pensar nas horas que dedicam em cada atividade que exercem. Ainda é cedo para chegar a conclusões, já que os dados não foram analisados com vagar, mas foi possível notar nos discursos que as atividades domésticas não é prioridade para homens e que a maioria dessas atividades recaem sobre as mulheres.

Como citado anteriormente, o trabalho está em andamento e os dados ainda estão sendo analisados, por isso, é necessário enfatizar que os dados apresentados são apenas as primeiras impressões acerca da realidade pesquisada. Espera-se que com a análise aprofundada das mais de 11 horas de entrevistas, seja possível chegar a dados plausíveis de análise sociológica, cumprindo com os objetivos desta pesquisa a nível de mestrado.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

ABRAMO, Laís. **Introdução**. In: Igualdade de gênero e raça no trabalho: avanços e desafios. Brasília: Organização Internacional do Trabalho (OIT), 2010. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/gender/pub/igualdade_genero_262.p>. Acesso em: 18 jun 2017.

ALVES, Ana Elizabeth Santos. **Divisão sexual do trabalho**: a separação da produção do espaço reprodutivo da família. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11 n. 2, p. 271-289, maio/ago, 2013.

CASTILHO E SILVA, Carolina Braz de. **Pluriatividade e relações de gênero na agricultura familiar no Rio Grande do Sul**. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CASTILHO E SILVA, Carolina Braz de; SCHNEIDER, Sérgio. **Gênero, Trabalho Rural e Pluratividade**. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Org.) *Gênero e Geração em Contextos Rurais*. Florianópolis/SC, Ed. Mulheres, 2010, p. 183-207.

CINTRÃO, Rosângela; SILIPRANDI, Emma. **O Progresso das Mulheres Rurais**. In: BARSTED, Leila Linhares; PITANGUY, Jacqueline (Org.) *O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010*. Rio de Janeiro: CEPIA ; Brasília: ONU Mulheres, 2011, pp. 186-229.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, dez. 2007.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2009). **Censo Agropecuário de 2006**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/brasil_2006/Brasil_censoagro2006.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2017.

INCRA - Sistema Nacional de Cadastro Rural, 2011. **Quantidade de propriedades rurais por detentores rurais dos municípios da Microrregião de Pires do Rio/GO**. Disponível em: <<https://sncr.serpro.gov.br/sncrweb/private/pages/principal.jsf>>. Consulta em: Orizona, 31 Out 2011. MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo**: Oposição ou Complementaridade? *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

MINAYO, M. C. S. (Org); DESLANDES, S.F.; CRUZ NETO, O . GOMES, R. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

SCHNEIDER, Sérgio. **Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 18 nº. 51, fev 2003, p. 99-121. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15988>> Acesso em: 27 dez 2016.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SULLEROT, Evelyne. **A mulher no trabalho: história e sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1970.

TAVARES, Jussana Maria. **História de caçador e outras histórias: o rural em Orizónia**. *Mediação: Revista da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Pires do Rio – Goiás*. v. 3, n. 3, 2008. p. 147-159.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. *Temáticas*, Campinas, v. 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144/1637>>. Acesso em: 26 maio 2017.